

MARIA DE NAZARÉ
e sua narrativa bíblica

Copyright © Lina Boff, 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico, sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.

EDITOR João Baptista Pinto

CAPA Jenyfer Bonfim

EDITORAÇÃO Luiz Guimarães

REVISÃO Da autora

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

B661m

Boff, Lina, 1936- Maria de Nazaré e sua narrativa bíblica / Lina Boff. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2024.

202 p. ; 14x21 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-045-6



1. Maria, Virgem Santa - Doutrina bíblica. 2. Vida espiritual - Igreja Católica. I. Título

CDD: 232.91

24-94445

CDU: 27-312.47

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA

Telefones (21) 22153781 / 35532236

www.letracapital.com.br

Lina Boff

MARIA DE NAZARÉ
e sua narrativa bíblica



LETRCAPITAL

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	7
---------------	---

PARTE PRIMEIRA:

PARTINDO DAS FONTES BÍBLICAS.....	11
MARIA DE NAZARÉ EM MARCOS.....	18
MARIA DE NAZARÉ EM MATEUS	30
MARIA DE NAZARÉ EM LUCAS	42
O MAGNIFICAT NOS DESAFIA	60
AS MASSAS EXCLUÍDAS DO MAGNIFICAT.....	67
PARTICIPAM DA IGREJA NASCENTE	76
MARIA DE NAZARÉ EM JOÃO	85

PARTE SEGUNDA:

MARIA DE NAZARÉ NOS PADRES DA IGREJA	99
INÁCIO DE ANTIOQUIA (+115).....	101
JUSTINO MÁRTIR (+ 165).....	105
IRINEU DE LIÃO (+ 202).....	108
ILDEFONSO DE TOLEDO (CA. 667).....	112

PARTE TERCEIRA:

MARIA DE NAZARÉ NA TRADIÇÃO E NO DOGMA....	119
O SENTIDO DE TRADIÇÃO	119
SUA IMPORTÂNCIA PARA HOJE.....	120
ORIGEM DO DOGMA.....	121
O SENTIDO DE DOGMA	122
SIGNIFICADO BÍBLICO DA PALAVRA	123
PARA QUE SERVEM OS DOGMAS	125

PARTE QUARTA:

MARIA DE NAZARÉ, MÃE DE DEUS.....	129
LEITURA COMPLEMENTAR	148
MARIA DE NAZARÉ E A NOVA HUMANIDADE	150
LEITURA COMPLEMENTAR	159
A IMACULADA CONCEIÇÃO	161
LEITURA COMPLEMENTAR	175
A VITÓRIA DE MARIA DE NAZARÉ	177
LEITURA COMPLEMENTAR	196
 CONCLUSÃO GERAL	 199

PREFÁCIO

São muitas as inquietações a respeito de *Como tudo começou na vida de Maria de Nazaré* desde a sua concepção, seu cotidiano de mulher judia, de mãe do Filho de Deus e de sua participação no seguimento a Jesus. De maneira encantadora, Lina Boff reúne preciosos elementos da pesquisa bíblica, da Tradição e do Magistério, os quais iluminam o itinerário mistagógico da vida do povo de Deus. Nesta obra, Maria é apresentada como uma mulher de fé e de coragem, perfeita discípula missionária. A autora brinda seus leitores com uma sensibilidade mariana plasmada em aspectos narrados e experienciados pelo povo de Deus que, como Maria, “vai realizando e completando o seu seguimento a Jesus”.

A reflexão teológica da Mariologia que surge desde os primeiros séculos da Igreja adquire novo sentido a partir do Concílio Vaticano II. A constituição dogmática *Lumen Gentium* indica a figura de Maria como modelo, tipo da Igreja. Ela é a mãe da Igreja. Nesse sentido, a Igreja é o Corpo Místico de Cristo (1Cor 12, 12-27), feita de mulheres e homens batizados que assumem sua missão no serviço à evangelização. São os cristãos leigos e leigas que, ao serem incorporados a Cristo pelo Batismo e constituídos em povo de Deus, assumem a missão de todo o povo de Deus na Igreja e na sociedade (LG, 31). Por isso, é significativo

o olhar sensível de Lina, que aponta particularidades tão relevantes do contexto da vida e da missão de Maria, sua participação na história da Salvação, pois traz para o mistério da Encarnação “o feminino de Deus” (cf. Lina).

Além de um belo retrato sobre *Como tudo começou com Maria de Nazaré*, a teóloga ressalta como podemos ser discípulos missionários hoje, a exemplo daquela que foi perfeita peregrina na fé. Embora os cristãos leigos e leigas que vivem sua fé na condição familiar e social encontrem muitos desafios para permanecer com Jesus e na vivência em comunidade, a Igreja nos mostra Maria, “a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários” (DAP, 269). Ela, que é “mãe do evangelho vivente, manancial de alegria para os pequeninos” (EG, 288), educa seus filhos e filhas na fé.

Segundo o Papa Francisco, “sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto” (EG, 288). Assim, posso afirmar que Lina reverbera muito desta atitude mariana todas as vezes que recomenda e insiste com seus alunos e alunas para não desistirem da pesquisa e publicação de artigos e livros na área da Mariologia. É revolucionária a postura da teóloga, professora e autora – de tantos livros –, que “não precisa maltratar os outros para se sentir importante”. Francisco disse que esta é uma atitude de pessoas humildes e cheias de ternura.

Em breves palavras, nosso intuito é destacar a “força revolucionária” deste importante livro para o estudo da mariologia, tecido por uma grande teóloga, Lina Boff, a quem eu devo muito apreço e respeito. Como cristã leiga asseguro que, nas próximas páginas, os cristãos leigos e leigas encontrarão a força e a ternura de Maria, mãe de Jesus

e da Igreja, para exercer sua valiosa ação na evangelização do mundo (LG, 31) com impulso profético, sobretudo nas situações de injustiças em que urge um compromisso com a justiça social e o cuidado com a vida.

Conforme Lina Boff, “hoje o povo vê Maria presente nos homens e nas mulheres que abraçam a causa da vida. Ela não é diferente do povo. Não está só nos altares, nos andores e nas procissões. Maria hoje é a juventude que clama por justiça e cidadania. Maria hoje é o trabalhador que sonha uma nova vida, o homem e a mulher da roça que exigem terra e participação para não sucumbirem à morte”.

Celia Soares de Sousa

Cristã leiga, teóloga, Assessora da Comissão

Episcopal para o Laicato e membro

do CNLB Nacional.

PARTE PRIMEIRA

PARTINDO DAS FONTES BÍBLICAS

A grande visão que temos de Nossa Senhora como a Maria histórica do Novo Testamento é a primeira fonte bíblica que nos fornece os fundamentos da teologia que hoje chamamos de mariologia, ou melhor, teologia mariana. Por isso começamos com o texto considerado o mais antigo, que é o texto de Paulo numa Carta que escreve aos gálatas. Nem todos os teólogos concordam que seja mariológico esse texto. Mas sobretudo, muitas teólogas o consideram sim, um texto que nomeia a mulher que trouxe a plenitude dos tempos, a mãe de Jesus, o Filho de Deus e o filho de Maria.

Maria de Nazaré na Carta aos Gálatas

Para sabermos sobre o culto prestado a Maria, precisamos consultar e conhecer cada evangelista e também Paulo que a menciona em sua Carta aos gálatas. Paulo não a chama pelo nome, mas reconhece que Jesus, o Filho de Deus, *nasceu de uma mulher*, na plenitude dos tempos, quer dizer, quando o tempo de espera do povo de Israel pelo Salvador havia se esgotado com a presença do Espírito em Maria de Nazaré, que ficou grávida do Filho de Deus, pela força do Espírito Santo.

Começamos então pelo apóstolo Paulo para incluir no nosso estudo o conhecimento de Maria através do

texto apresentado por Paulo. As mulheres que fazem teologia comentam e interpretam, à luz da fé, essa frase tão importante da Carta aos gálatas.

Paulo escreveu essa Carta aos gálatas algumas décadas após a Ascensão de Jesus ao céu. Vamos conhecer alguma coisa do contexto em que os gálatas viviam e porque resistiam tanto em aceitar a condição humana de Jesus como Paulo lhes falava.

O apóstolo insistia na filiação divina. Talvez, fosse esta a dificuldade da nascente comunidade de fé. Junto com a filiação divina, a citação que os incomodava muito e os levava a resistirem à teologia de Paulo era também esta afirmação: ... *Deus enviou o seu Filho nascido de uma mulher...*

Traços da comunidade

Em primeiro lugar, a comunidade dos gálatas se encontrava em crise porque colocava em risco a verdade do único Evangelho - o anúncio da Boa Nova - com a questão dos circuncisos e dos incircuncisos (At 9,15). Paulo visita as comunidades da Galácia mais vezes por motivo de estarem em crise de fé. Na sua primeira viagem missionária evangeliza as regiões situadas ao sul da Província Romana da Galácia (At 13-14).

Depois disso, Paulo passa duas vezes pela Galácia do Norte, região compreendida entre a Capadócia e o Mar Negro, povoada por habitantes de origem céltica, os únicos habitantes que podem ser chamados de *gálatas* no sentido próprio do termo. Segundo um estudioso chamado Wilfrid Harrington, ele afirma que os celtas, isto é, os gálatas, eram um povo que havia emigrado no séc. IV a. C. da Gália para a Ásia Menor, fixando-se em Ancara.

O último rei gálata, Amintas (+25 a.C.), legou, quer dizer, deu de presente, o seu reino aos romanos. Com a morte do rei Amintas, o reino tornou-se Província Romana. Os gálatas eram uma raça continental e também insular porque moravam em ilhas, daí a palavra insular.

Nessa parte geográfica da Ásia Menor, os povos celtas já se encontravam bastante integrados ao mundo grego e viviam as mesmas condições dos camponeses pobres. Conservavam a estrutura familiar forte de sua cultura e viviam a experiência da escravidão social, pois, eram Colônia romana.

Frente às forças da natureza, das quais dependem para o cultivo dos latifúndios, extraíam o que precisavam para viver. Desse modo eles se tornam um povo destemido e até certo ponto racional e rude com profundo desejo libertário.

Daí ser a pregação de Paulo uma proposta concreta de libertação em Cristo e por Cristo e não pelas próprias forças deles. Esta luta dava-lhes uma certa característica humana, acentuadamente, um tanto áspera. Paulo aceita essa rudeza de vida que eles levavam, mas não deixa de anunciar-lhes a Boa Nova trazida por Jesus Cristo. É nesse contexto que Paulo prega a atuação do Espírito sobre a carne e define a escolha fundamental através da fé no Cristo ressuscitado e não através da lei.

O argumento de Paulo

Não obstante a dificuldade dos membros dessa comunidade não se convencerem da doutrina de Paulo, este volta muitas vezes a explicar-lhes sempre a mesma coisa com métodos diferentes. O argumento do apóstolo continua o mesmo:

... quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial (Gl 4,4-5)

Todo o capítulo 4 desta Carta procura nos fazer entender que a nossa filiação divina passa por uma mulher que se chama Maria de Nazaré. Nesse sentido deve-se evidenciar que Maria abre seu ventre para trazer a libertação da qual Paulo fala. Ela é a primeira a receber o Espírito Santo, na história, o Espírito que tudo recria e pervade a vida por inteiro. Na ação do Espírito nenhuma pessoa é excluída, nem a mulher daquele tempo que era submetida a uma cultura que a excluía de tudo, menos a de ter filhos.

A Nova Criação entra no mundo por meio da carne de uma mulher que dá de sua carne e de seu sangue ao Filho de Deus. A modo de uma mulher, a História da salvação encontra a sua plenitude. Jesus vem através de uma mulher que se encontra fora da estrutura da Aliança, Ele vem na contramão de tudo aquilo que os homens haviam programado e estavam esperando, ansiosamente.

No entanto, a mulher a que a pregação de Paulo se refere, é o espaço onde se dá a revelação da Comunidade divina. O Pai envia o Filho que nasce *de uma mulher* - Maria - por meio do Espírito Santo. Maria acreditou na revelação da palavra única do Pai, e por isso é *a mulher bem-aventurada* (Lc 1,45).

Maria acolhe a Trindade em seu seio: o Pai, Criador de todas as coisas, envia o Filho para salvar a humanidade e reconciliar tudo o que estava dividido e o Espírito Santo para santificar e restaurar toda a carne e o cosmo criados pelo Pai.

Toda essa fundamentação é celebrada sobretudo, na Liturgia do Advento, tempo forte mariano em que se evoca a esperança do povo de Israel pela chegada do Salvador.

A confirmação litúrgica

A liturgia romana que se inspira no mesmo texto acima celebra as duas vindas do Senhor: uma na humildade quando, na plenitude dos tempos (Gl 4,4) o Filho de Deus, assumindo a carne no seio da Virgem Maria, veio ao mundo para salvar a humanidade.

A segunda vinda, na glória, quando, no fim dos tempos, Ele virá para julgar os vivos e os mortos e conduzir os justos a casa do Pai, onde a Santa Virgem Maria os precedeu gloriosa¹. Em duas leituras do tempo do Advento e Natal, a de *Santa Maria, Mãe de Deus* e a de *Santa Maria de Nazaré*, o Lecionário dedica a primeira leitura tirada do texto de Paulo aos gálatas em 4,4-7, começando com a citação que já transcrevemos acima:

Irmãos: Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial (Gl 4,4-5).

A leitura que prepara a celebração eucarística da *Santa Maria, Mãe de Deus* celebra “o mistério admirável e o sacramento indizível” solenemente, proclamado no Prefácio, considerado pelos estudiosos um dos mais antigos,

¹ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, Lecionário para Missas de Nossa Senhora, vol. II, S. Paulo: Paulinas, 1987, p. 15.

pelo qual o Pai enviou seu Filho ao seio de Maria. O texto dessa missa é extraído dos sermões dos Santos Padres e das expressões utilizadas pela antiga liturgia. Dentre esses Padres, destacam-se as homilias de Santo Agostinho (+ 431) e São Bernardo (+ 1153)².

A missa dedicada a *Santa Maria de Nazaré* lembra o mistério da vida escondida que Jesus levou na aldeia de Nazaré como mistério de salvação e expressão de vida santa. Nessa missa celebram-se o mistério da encarnação do Verbo, proclamado no Prefácio e seu aniquilamento. Em tal proclamação outra vez é tomado o texto paulino: *Quando chegou a plenitude dos tempos, enviou Deus seu Filho nascido de uma mulher*. Celebra-se a vida santa da Mãe com o Filho, a ponto de se tornar discípula do filho que gerou. Celebra-se por fim, o Reino de Deus já presente e operante na terra que se constrói não só pela pregação e pelos gestos, mas também pelo trabalho silencioso e pela vida escondida em Deus³.

Concluindo o argumento de Paulo

Vimos brevemente, os argumentos de Paulo à comunidade da Galácia e como tais argumentos são confirmados nas celebrações das leituras e celebrações eucarísticas das missas dedicadas a Nossa Senhora, de modo especial no tempo do Advento e Natal.

Paulo parece ter dificuldade de se fazer entender por muitos dos membros da comunidade da Galácia pelo fato que muitos gálatas que haviam aderido à fé na ressurreição estavam ainda, demasiadamente, atrelados à lei de Moisés.

² *Ibidem*, p. 31-32.

³ CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, *Coletânea de missas de Nossa Senhora*: Vol. I, S. Paulo: Paulinas, 1987, p. 53-55.

A interpretação que Paulo dá à filiação divina, traz a colaboração de uma mulher no mistério da encarnação para que Deus tomasse a nossa condição humana e nos reconciliasse com o Pai. Esse é o Projeto que o Filho Jesus realiza para toda a humanidade com sua pregação do Reino e a doação total de sua vida.

Nesse contexto a Carta Encíclica de João Paulo II, *Redemptoris Mater*, Mãe do Redentor, nos impulsiona a proclamar a antiga antífona mariana que nos apresenta uma concepção muito feminina da citação que acabamos de aprofundar de maneira sucinta, quer no texto bíblico como nas celebrações litúrgicas de Nossa Senhora.

Essa antífona traz presente o argumento de Paulo aos gálatas; argumento que busca assimilar a nossa filiação divina a uma mulher e não a um patriarca, segundo a cultura judaica. O Criador chega até nós, rebaixando-se a ponto de nascer de uma criatura que é mulher pois, Ele é o Criador de todas as coisas. Essa criatura é uma mulher que marca seu tempo, Maria de Nazaré, a Mãe do Redentor.

*Ó Mãe do Redentor, do céu ó porta,
ao povo que caiu, socorre e exorta,
pois busca levantar-se, Virgem pura,
nascendo o Criador da criatura:
tem piedade de nós e ouve, suave,
o anjo te saudando com seu Ave!*

MARIA DE NAZARÉ EM MARCOS

Notas introdutivas

Encontramos neste Evangelho as primeiras notícias em que se fala de Maria e outras pessoas de sua família. Os textos do evangelista Marcos são narrativos com um viés bastante direto que impede de demonstrar aquela atenção que todos esperam no trato com as pessoas da família mais próxima.

Na cultura judaica o forte senso de pertença familiar marca a vida da pessoa que se define antes de tudo, como membro de uma família bem determinada. Jesus sabe e sente sobre si mesmo a pressão da família que tenta controlar o que faz e o que diz por aí. Por isso os seus vão procurá-lo e os escribas o acusam.

Mas por que tudo isso? Primeiro, porque Jesus quer fazer-se entender a partir de um novo conceito de família: um conceito que abrange a profundidade e a amplitude da mesma. A família da qual Jesus fala ultrapassa aquela ligada pelos laços do sangue, pois a verdadeira família d'Ele, de Jesus, é a família gerada de Deus a família da fé. João explica melhor. Ele escreve: "Todas as pessoas que acreditam em Jesus como Filho de Deus e o acolhem em sua vida, essas pessoas não são geradas nem do sangue, nem da vontade da carne e nem da vontade humana, mas de Deus" (Jo 1,13).

Em segundo lugar, Jesus quer anunciar o Reino de Deus através da sua vida e das suas obras. O que Ele opera vem de Deus manifestado na sua vida, na sua pregação e na inclusão de todas as pessoas na Família do Pai. O que Jesus quer afirmar com a sua vida e as suas palavras, é que

a esfera da dinâmica de Deus, o Reino, já está atuando n'Ele e naquelas pessoas que o reconhecem na fé. Afirma ainda que esse Reino de Deus pode se tornar muito mais amplo na medida em que as pessoas mudem sua vida ao aceitar a pessoa de Jesus como Filho de Deus.

De que jeito Maria entra em tudo isso? Ela entra como uma pessoa que pertence à nova família nascida de Deus, pertence à família de fé sem excluir a família biológica a que Jesus também pertence. Mas ultrapassa os laços de sangue para abraçar a nova família de Deus que inaugura uma outra forma de relação e amplia os laços da irmandade. A chegada do Reino de Deus gera um novo tipo de pertença que exige a fé na pessoa de Jesus como Filho de Deus. A fé é exigida como requisito para entrar no grupo dos seguidores e seguidoras de Jesus.

A incredulidade demonstrada em Nazaré por seus contemporâneos, é a grande dificuldade para entrar e fazer parte do grupo daquelas pessoas que seguem a Jesus. Marcos nada fala de Maria nesse ponto. Mas Maria não está fora do processo de procurar a compreensão de todas as coisas que Jesus dizia e fazia. Aquilo que ela não compreendia guardava em seu coração e lia com diligência e profundidade os sinais do Espírito que se manifestavam na vida dela e ao seu redor. Envolvida no mistério de Jesus, *Maria avançou no caminho da fé e conservou, fielmente, a união com seu Filho até a cruz* (LG 58). É o que os Evangelhos e o magistério da Igreja nos ensinam.

Nos Evangelhos, Maria não era conhecida como é conhecida, hoje, isto é, como a Nossa Mãe, a Nossa Senhora da Vida, da Encarnação e da Humanidade. Era vista e tratada como todas as mulheres judias de seu tempo. Não havia o culto que nós lhe prestamos em nossos dias.

Traços da comunidade de Marcos

Marcos escreve seu evangelho a uma comunidade greco-romana. Ela é formada por pessoas religiosas convertidas de outras religiões e que querem fazer a experiência proposta pelo Reino pregado por Jesus. A narrativa de Marcos é conhecida também com o nome de Evangelho das pessoas que buscam iniciar o seguimento de Jesus fazendo um caminho “desde fora para dentro” de si mesmas.

O objetivo do evangelista é abrir as pessoas que formam uma comunidade de fé ao mistério de Jesus, Filho de Deus. Trata-se de romper com as imagens anteriores que estas pessoas tem de Deus e de seu mistério e aceitar uma nova imagem desse Deus em quem dizem acreditar.

A finalidade do evangelista é ajudar a comunidade a viver uma nova experiência de Deus na vida e do seu amor em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Essa comunidade, segundo Marcos, deve aprender um novo caminho de vida com o seu mistério: o caminho de Jesus Cristo. Pode-se dizer que Marcos escreve um Evangelho de Iniciação ao seguimento de Jesus e ao mesmo tempo explica em que consiste a essência desse seguimento que é reconhecer em Jesus o Filho de Deus. Maria participa de todo esse processo através das citações encontradas no Evangelho narrado por Marcos e ajudado pela comunidade que participa de seus ensinamentos.

As citações referentes a Maria

Em primeiro lugar deve-se constatar que Marcos fala de Maria como mãe de família que se preocupa com o filho como todas as mães. Por isso encontramos em vários episódios de seu evangelho frases como estas: “Maria e sua família”. Encontramos também três outras citações sobre Maria. São elas: a primeira se acha no capítulo 3, 20-21, que